

Esta proposta de pesquisa adota como objeto de estudo o Projeto de Extensão *Teatro na Prisão – uma experiência pedagógica para a construção do sujeito em direção à cidadania*, coordenado por mim e pela Professora Maria de Lourdes Naylor Rocha, desde 1997, no contexto das atividades do Departamento de Interpretação na UNIRIO.

Sob perspectiva diferenciada, este Projeto de Extensão já se constituiu como objeto de estudo da tese de doutorado de Maria de Lourdes Naylor Rocha, intitulada: *Teatro na Prisão: a dramaturgia da prisão em cena* (2006). Vale ressaltar que há, também, em andamento uma abordagem diferenciada em relação ao projeto *Teatro na Prisão* através da pesquisa de mestrado de Wagner Batista Pinheiro, bolsista que participa como aluno-ator e que foi formado pela Escola de Teatro da UNIRIO.

Nossa abordagem visa resgatar a história do Projeto, enfocando o processo de formação do aluno-ator. A princípio, duas questões devem ser colocadas por nossa pesquisa de mestrado: pensar sobre as possibilidades de amadurecimento da consciência social e pedagógica desse aluno-ator enquanto sujeito-cidadão e a perspectiva desta prática continuada se revelar como um novo campo de atuação profissional para artistas educadores (que seria nossa hipótese). Como teria sido a trajetória desses alunos que participaram do Projeto de Extensão, quais foram as suas dificuldades, quais foram as suas descobertas? Em que medida podemos, ao olhar para estas trajetórias individuais no contexto do projeto *Teatro na Prisão*, perceber perspectivas para o futuro, em termos de campo de trabalho para a arte-educação na comunidade?

Nestes dez anos de *Teatro na Prisão*, nosso olhar, enquanto coordenadoras, ficou mais vinculado àquele preso que permanece em tempo integral no presídio – o interno. Ficou mais vinculado ao seu desenvolvimento e a sua problemática do que o pensar sobre o processo pedagógico dos alunos-atores, matriculados no curso de Interpretação (Licenciatura e Bacharelado), de Música e de Cenografia.

A proposta deste projeto de pesquisa (*Teatro na Prisão: Trajetórias individuais e perspectivas coletivas*) é de tentar contar a história do projeto *Teatro na Prisão - uma experiência pedagógica para a construção do sujeito em direção à cidadania*, a partir do enfoque do aluno-ator que participa das oficinas desenvolvidas com os alunos-internos.

Nossa expectativa é de que cada aluno-ator terá uma história a ser relatada, por que cada aluno participou de processos diferentes, já que o projeto *Teatro na Prisão* não é estanque, não vem se desenvolvendo com uma metodologia única: ele está na mudança, no centro da dinâmica metodológica. O *Teatro na Prisão* se coloca em relação ao aluno como caminho possível para o resgate de uma nova cidadania, podendo se descobrir como um novo cidadão, que rompe e enfrenta as diferenças.

Esse aprendizado tende a despertar em todos os envolvidos no projeto uma visão da arte como processo de conhecimento sobre o indivíduo e como instrumento de reflexão sobre problemas comuns no meio social, tais como: a violência, o desrespeito aos direitos humanos e a marginalização social.

Por fim, vale à pena dizer que o relato desta pesquisa pretende dissertar sobre o espaço prisional e a sua relação com a Academia, espaço de transmissão do conhecimento, numa tentativa de pensar sobre este processo de arte libertária e socializadora, do Teatro agindo no contexto do espaço prisional - um ambiente de restritas regras de vigilância e segurança.

Ao longo de todos esses anos várias oficinas de teatro foram realizadas com os internos do Complexo Penitenciário Frei Caneca, que compreende a Penitenciária Lemos Brito, o Presídio Nelson Hungria e a Casa de Custódia Romero Neto. Por exemplo, em 2006, tivemos a oportunidade de trabalhar com a *Música Orgânica*, de Ricardo Oliveira, musicista e professor, criador de uma abordagem artístico-terapêutica, que nos forneceu a metodologia para uma de nossas oficinas. Ricardo diz “que a música, vencendo barreiras e bloqueios, penetra facilmente nas profundezas do ser” (Oliveira, R. 1996: 15). Através do estudo da interação som/fenômeno humano aprofunda-se as inter-relações entre prática de formas musicais associadas a movimentos corporais.

No início do Projeto de Extensão, o modelo seguido pela coordenação foi o mesmo realizado pelo Professor Paul Heritage, quando em experiência com docentes e alunos da UNIRIO, em 1997. Cada oficina realizada no interior do Complexo foi precedida por oficinas realizadas na Universidade com os instrutores (alunos e professores); foram organizadas a partir de vivências que, posteriormente, seriam experimentadas pela equipe de trabalho e os detentos. Além dessas oficinas realizou-se, junto à equipe, um trabalho teórico, a fim de fundamentar o que estava sendo realizado nas oficinas de teatro da penitenciária; e, também, oficinas de treinamento dadas pela equipe do Centro de Teatro do Oprimido, contratada pelos integrantes do projeto.

Dessa forma, do final de 1997 para cá, temos apresentado diversos trabalhos encenados (muitos dos quais nas festas de fim de ano do Complexo Penitenciário), contando com a presença de familiares e/ou amigos dos presidiários, dos diretores das instituições e, ao longo do tempo, com a presença de diversas autoridades (ver Anexos, ao final do projeto, a relação completa dos trabalhos apresentados).

Michel Foucault, em *Vigiar e Punir*, afirma: “Só a educação pode servir de instrumento penitenciário. A questão do encarceramento penitenciário é uma questão de educação”. Não se pode pensar em *Teatro na Prisão* sem determo-nos no espaço prisional. Na medida em que esse aluno, ao entrar em um universo adverso (a prisão), ao mesmo tempo, encontra o encarcerado. Vale dizer que boa parte dos alunos-internos (os detentos) que encontramos tem a necessidade vital de adotar um outro referencial para suas vidas (que não seja o crime). É neste momento que o *Teatro na Prisão* se propõe a despertar e oferecer uma nova perspectiva de vida para essas pessoas. Porque, na verdade, a prisão é uma antecipação da morte. O preso deixa de ter projetos.

Para alguns dos presos o teatro surge como possibilidade libertadora, ainda que parcial. O teatro, de alguma maneira, pode cumprir o papel de envolver o preso em um projeto que pode lhe dar condições de compensar a liberdade perdida. Com a inclusão do preso, a afirmação de sua identidade e a sua valorização enquanto indivíduo, o teatro – usado como meio de aprendizado de uma linguagem e forma de expressão – pode desempenhar o papel de contribuir para a construção de *sujeitos de decisão*. Através de exercícios, do trabalho com textos, improvisações, músicas, cenografia, figurino, e, até mesmo, encenações, o preso, pode adquirir outra disciplina. Desse modo, nosso Projeto de Extensão pode colaborar com o seu processo de *humanização*; com a perspectiva, via experiência teatral, de contribuir para a construção de um sujeito cidadão.

Podemos dizer que ao reconhecer o próprio corpo podemos melhor reconhecer o corpo do outro, facilitando as relações em cena, de cumplicidade, e estabelecendo mudanças na relação do preso consigo mesmo, com o outro e com o coletivo. Assim, o processo de socialização pode lhe oferecer novas perspectivas de comportamento.

O teatrólogo Augusto Boal desenvolveu e sistematizou as teorias e práticas do *Teatro do Oprimido*. Em seu trabalho, o espectador aprende a transformar tanto a realidade teatral quanto a social, através da indagação sobre quais são as opressões que elas realmente sentem em suas vidas. Seria uma forma de fazer teatro onde todo ser humano é visto como ator. Todos atuam, agem, interpretam.

O primeiro objetivo do *Teatro do Oprimido* é preparar o aluno para o trabalho do ator, aplicando nas oficinas, quatro categorias de exercícios: 1) sentir tudo o que se toca; 2) escutar tudo o que se ouve; 3) estimular os vários sentidos; 4) olhar tudo o que se vê. Trabalhando com estas categorias, pretende-se desenvolver nos integrantes a capacidade de perceber o mundo externo e interno das imagens, dos sons e dos ritmos, das pessoas, das coisas, dos objetos e o mundo da comunicação não verbal. A partir desses exercícios passa-se, então, para o *Teatro Imagem*, que possibilita transformar em imagens: questionamentos, conceitos, idéias e sensações anteriormente vividas nos jogos teatrais, usando apenas o próprio corpo do ator, numa ausência total da palavra. Através do *Teatro Imagem* chega-se a um entendimento dos fatos, podendo-se, então, começar a elaborar um esquete, que, por sua vez, vai fazer parte do *Teatro Fórum*.

O *Teatro Fórum* foi o ponto alto do processo desenvolvido no Presídio Nelson Hungria. Antes de tudo, ele é um trabalho de *criação coletiva*. E é também uma proposta de teatro interativo, no qual o espectador intervém diretamente na cena, modificando, com isto, a ação. Por exemplo, na apresentação de um problema determinado, o espectador tem a possibilidade de tentar resolvê-lo, entrando em cena e assumindo o lugar do protagonista. O mais importante é que a solução seja encontrada coletivamente, numa participação democrática, na qual atores e platéia são igualmente importantes.

É importante observar que o Presídio Nelson Hungria tem como característica celas únicas com uma constante rotatividade das detentas. O grupo nem sempre é o mesmo. Vai sendo modificado ao longo do processo. Por isso é necessário optar por

processos de oficinas em curto prazo, onde seja possível trabalhar com uma realidade imediata e onde seja viável elaborar pequenas histórias para serem apresentadas. Nesta medida o *Teatro do Oprimido* é uma escolha certa.

Em nosso projeto de pesquisa, a questão da construção pedagógica aliada ao crescimento e amadurecimento humano e social do aluno-ator, é de suma importância. Sabe-se que o teatro é uma linguagem que envolve uma série de aptidões: criação de personagens, cenários, figurinos, adereços; música e sons; luzes; estudo de textos; elaboração, análise e adaptação dramática; trabalho do ator, e assim por diante. Vale lembrar de Bachelard quando diz que “a ciência não corresponde a um mundo a descrever. Ela corresponde a um mundo a construir”. Para nós, o *Teatro na Prisão* talvez possa desempenhar o papel de uma importante ferramenta na construção de um mundo mais humanitário e sensível, começando pelo sujeito.

BIBLIOGRAFIA

- BOAL, Augusto. *Jogos para atores e não atores*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- _____. *Teatro do oprimido*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973.
- FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- _____. *Pedagogia da autonomia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- LIGIERO, Zeca. *Teatro e Comunidade: uma experiência*. Uberlândia: Universidade de Uberlândia, 1983.
- GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- MICHEL, Foucault. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- OLIVEIRA, Ricardo. *Música, saúde e magia*. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- ROCHA, Maria de Lourdes Naylor. *Teatro na Prisão: a dramaturgia da prisão em cena*. 2005. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Teatro do Centro de Letras e Artes da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, UNIRIO.
- VYGOSTSKY, Lev Semyonovich. *Psicologia da Arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.